



A Santa Sé

***DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
DURANTE O ENCONTRO COM O CLERO
DA DIOCESE DE AOSTA***

25 de Julho de 2005

Excelência

Queridos Irmãos!

Antes de tudo gostaria de expressar a minha alegria e gratidão por esta possibilidade de me encontrar convosco. Quando se é Papa existe o perigo que se esteja um pouco distante da vida real, da vida de todos os dias, sobretudo também dos sacerdotes que trabalham na primeira linha, precisamente no "Vale", em tantas paróquias e agora, como disse Sua Excelência, com a falta de vocações, também em condições de empenho físico particularmente intenso.

É para mim uma graça poder encontrar nesta bonita Igreja os sacerdotes e o presbitério deste Vale. Desejo agradecer-vos porque viestes; também para vós é tempo de férias. Ver-vos reunidos, e ver-me unido a vós, estar próximo dos sacerdotes que trabalham dia após dia para o Senhor como semeadores da Palavra, é para mim um conforto e uma alegria. Sentimos na semana passada duas ou três vezes, parece-me, esta parábola do semeador que já é uma parábola de conforto numa situação diferente, mas num certo sentido também semelhante à nossa.

O trabalho do Senhor tinha começado com grande entusiasmo. Via-se que os doentes se tinham curado, todos escutavam com alegria a palavra: "O Reino de Deus está próximo".

Verdadeiramente, parecia que a mudança do mundo e o advento do Reino de Deus seria iminente; que, por fim, a tristeza do povo de Deus teria mudado em alegria. Havia a expectativa de um mensageiro de Deus que teria assumido o timão da história. Mas depois viam que, de facto, os doentes se tinham curado, os demónios tinham sido expulsos, o Evangelho anunciado mas, no restante, o mundo permanecia como era. Nada mudava. Os romanos ainda dominavam. A vida era difícil todos os dias, apesar destes sinais, estas belas palavras. E assim o entusiasmo

esvaecia e, no final, como sabemos pelo sexto capítulo de João, também os discípulos abandonaram este Pregador que anunciava, mas não mudava o mundo.

O que é esta mensagem? O que traz este profeta de Deus?, perguntam por fim todos. O Senhor fala do semeador que semeia no campo do mundo. E a semente assemelha-se à sua Palavra, como as curas, uma coisa verdadeiramente pequena comparando-a com a realidade histórica e política. Assim como a semente é pequena, que se pode descuidar, também a Palavra se pode descuidar.

Contudo, diz, na semente está presente o futuro porque a semente traz em si o pão de amanhã, a vida de amanhã. A semente parece quase nada, mas é a presença do futuro, é promessa já presente hoje. E assim, com esta parábola diz: estamos no tempo da sementeira, a Palavra de Deus parece só palavra, quase nada. Mas tende coragem, esta Palavra traz em si a vida! E dá fruto! A parábola diz também que grande parte da semente não dá fruto porque caiu na estrada, na terra pedregosa, etc. Mas a parte que caiu na terra boa dá trinta, sessenta, cem vezes mais.

Isto faz compreender que devemos ser corajosos também se a Palavra de Deus, o Reino de Deus, parece não ter importância histórico-política. No final, Jesus, no *Domigo de Ramos*, sintetizou todos estes ensinamentos sobre a semente da palavra: se o grão de mostarda não cair na terra nem morrer permanece só, se cair na terra e morrer dá muito fruto. Fez compreender assim que Ele mesmo é o grão de mostarda que cai na terra e morre. Na crucifixão tudo parece ter malogrado, mas precisamente assim, caindo na terra, morrendo, no Caminho da Cruz, dá fruto para todos os tempos, para sempre. Temos aqui também a finalidade cristológica segundo a qual o próprio Cristo é a semente, é o Reino presente, quer também a dimensão eucarística: este grão cai na terra e assim cresce o novo Pão, o Pão da vida futura, a Sagrada Eucaristia que nos alimenta e que se abre aos mistérios divinos, para a vida nova.

Parece-me que na história da Igreja, de formas diversas, sempre existiram estas questões que nos atormentam realmente: que fazer? Parece que o povo não tem necessidade de nós, tudo o que fazemos parece inútil. Contudo aprendemos da Palavra do Senhor que só esta semente transforma sempre de novo a terra e a abre para a vida verdadeira.

Desejo, brevemente na medida do possível, responder às palavras de Sua Excelência, mas gostaria de dizer também que o Papa não é um oráculo, é infalível em situações raríssimas, como sabemos. Portanto, partilho convosco estas perguntas, estas questões. Também eu sofro. Mas todos juntos queremos, por um lado, sofrer com estes problemas e também sofrendo transformar os problemas, porque precisamente o sofrimento é o caminho da transformação e sem sofrimento nada se transforma.

Este é também o sentido da parábola do grão de mostrada que caiu na terra: só num processo de transformação sofrida se obtém o fruto e se apresenta a solução. E se não fosse para nós um

sofrimento a aparente ineficiência da nossa pregação seria um sinal de uma falta de fé, de compromisso verdadeiro. Devemos comprometer-nos com estas dificuldades do nosso tempo e transformá-las sofrendo com Cristo e, assim, transformar-nos a nós mesmos. E na medida em que nos transformamos, podemos também responder à pergunta feita acima, também podemos ver a presença do Reino de Deus e mostrá-la aos outros.

O primeiro ponto é um problema que se apresenta em todo o mundo ocidental: a falta de vocações. Nas últimas semanas, tive as Visitas "*ad Limina*" dos Bispos do Sri Lanka e da parte Sul da África. Ali as vocações aumentam, aliás, são tão numerosas que não podem construir Seminários suficientes para acolher estes jovens que desejam ser sacerdotes. Naturalmente também esta alegria traz consigo uma certa amargura porque uma parte vem na esperança de uma promoção social. Fazendo-se sacerdotes tornam-se quase chefes da tribo, naturalmente são privilegiados, têm outra forma de vida, etc. Por conseguinte, erva daninha e grão caminham juntos neste bonito crescimento das vocações e os Bispos devem estar muito atentos no discernimento e não sentir-se simplesmente contentes por ter muitos sacerdotes futuros, mas ver quais são realmente as verdadeiras vocações, discernir entre erva daninha e grão bom.

Há contudo um certo entusiasmo da fé porque se encontram num determinado momento da história, isto é, no momento em que as religiões tradicionais obviamente se revelam não ser suficientes. E compreende-se, vê-se, que estas religiões tradicionais têm em si uma promessa, mas esperam algo. Esperam uma nova resposta que purifica e, digamos, assume em si tudo o que há de belo e liberta tais aspectos insuficientes e negativos. Neste momento de passagem onde realmente a sua cultura tende para uma hora nova da história, as duas ofertas cristianismo e islão são as possíveis respostas históricas.

Por isso, existe naqueles Países, num certo sentido, uma primavera da fé, mas naturalmente no contexto da concorrência entre estas duas respostas, sobretudo também no contexto do sofrimento das seitas, que se apresentam como a resposta cristã melhor, mais fácil, mais indulgente. Por conseguinte, também numa história de promessa, num momento de primavera, permanece difícil o compromisso daquele que deve semear com Cristo a Palavra e, digamos, construir a Igreja.

É diferente a situação no mundo ocidental, que não é um mundo cansado da sua própria cultura, mas um mundo que chegou a um momento em que já não é evidente a necessidade de Deus, muito menos de Cristo, e por conseguinte, no qual parece que o próprio homem poderia construir-se por si mesmo. Neste clima de um racionalismo que se fecha em si, que considera o modelo das ciências o único modelo de conhecimento, tudo parece ser subjectivo. Naturalmente, também a vida cristã se torna uma escolha subjectiva, por conseguinte arbitrária e já não o caminho da vida. Por isso torna-se difícil crer e se é difícil crer é muito mais difícil oferecer a vida ao Senhor para ser seu servo.

Sem dúvida isto é um sofrimento posto no nosso momento histórico, no qual geralmente se vê que as chamadas grandes Igrejas se apresentam moribundas. Assim é sobretudo na Áustria, também na Europa, em menor medida nos Estados Unidos.

Ao contrário, crescem as seitas, as quais se apresentam com a certeza de um mínimo de fé e o homem procura certezas. E portanto as grandes Igrejas, sobretudo as grandes Igrejas tradicionais protestantes, encontram-se realmente numa crise profundíssima. As seitas têm a supremacia porque se apresentam com certezas simples, poucas, e dizem: isto é suficiente.

A Igreja Católica não está tão mal como as grandes Igrejas protestantes históricas, mas naturalmente partilha o problema do nosso momento histórico. Penso que não há um sistema para uma mudança rápida. Devemos ir além, ultrapassar esta galeria, este túnel, com paciência, na certeza de que Cristo é a resposta e de que no fim aparecerá de novo a sua luz.

Então a primeira resposta é a paciência, na certeza de que sem Deus o mundo não pode viver, o Deus da Revelação e não um Deus qualquer: vemos como um Deus cruel, um Deus não verdadeiro, pode ser perigoso o Deus que mostrou, em Jesus Cristo, o seu Rosto. Este Rosto que sofreu por nós, este Rosto de amor que transforma o mundo no mundo do grão que caiu na terra.

Portanto, nós mesmos devemos ter esta profundíssima certeza que Cristo é a resposta e sem o Deus concreto, o Deus com o Rosto de Cristo, o mundo autodestrói-se e cresce também a evidência de que um racionalismo fechado, que pensa que o homem sozinho poderia reconstruir o verdadeiro mundo melhor, não é verdade. Ao contrário, se não há a medida de Deus verdadeiro, o homem autodestrói-se. Vemo-lo com os nossos olhos.

Nós próprios devemos ter uma renovada certeza: Ele é a Verdade e unicamente caminhando pelas suas pegadas vamos na direcção justa e devemos caminhar e guiar os outros nesta direcção.

O primeiro ponto da minha resposta é: em todo este sofrimento não se deve perder a certeza de que Cristo é realmente o Rosto de Deus, mas devemos aprofundar esta certeza e a alegria de a conhecer e, desta forma, sermos realmente ministros do futuro do mundo, do futuro de cada homem. E devemos aprofundar esta certeza numa relação pessoal e profunda com o Senhor.

Porque a certeza pode crescer também com considerações racionais. Verdadeiramente parece-me muito importante uma reflexão sincera que convence também racionalmente, mas se torna pessoal, forte e exigente devido a uma amizade vivida pessoalmente todos os dias com Cristo.

Por conseguinte, a certeza exige esta personalização da nossa fé, da nossa amizade com o Senhor e assim crescem também novas vocações. Vemos isto na nova geração depois da grande crise desta luta desencadeada em 68 onde parecia realmente ter passado a era histórica do

cristianismo.

Vemos que as promessas de 68 não se mantêm e renasce, digamos, a consciência de que há outro modo mais complexo porque exige estas transformações do nosso coração, mas mais verdadeiro, e assim surgem também novas vocações. E nós mesmos devemos encontrar também a fantasia para ajudar os jovens a encontrar este caminho para o futuro. Este aspecto também foi realçado no diálogo com os Bispos africanos. Apesar do número de sacerdotes muitos estão condenados a uma solidão terrível e moralmente muitos não sobrevivem.

E, por conseguinte, é importante ter à sua volta a realidade do presbitério, da comunidade de sacerdotes que se ajudam, que estão juntos num caminho comum, numa solidariedade na fé comum. Também isto me parece importante porque se os jovens vêem sacerdotes muito isolados, tristes, cansados, pensam: se este é o meu futuro não é para mim. Deve criar-se realmente esta comunhão de vida que demonstra aos jovens: sim, este pode ser um futuro também para mim, assim posso viver.

Prolonguei-me demasiado. Sobre o segundo ponto, mesmo se em parte, parece que já disse algo.

É verdade: ao povo, sobretudo aos responsáveis do mundo, a Igreja parece uma coisa antiquada, as nossas propostas não parecem necessárias. Comportam-se como se pudessem, ou quisessem viver sem a nossa palavra e pensando sempre que não precisam de nós. Não procuram a nossa palavra.

Esta é uma verdade que nos faz sofrer, mas também faz parte desta situação histórica de uma certa visão antropológica, segundo a qual o homem deve fazer as coisas como disse Karl Marx: a Igreja teve 1800 anos para mostrar que teria mudado o mundo e não fez nada, agora fazemo-lo nós sozinhos.

Esta é uma ideia muito difundida e apoiada também com filosofias e assim se compreende a impressão que muitas pessoas têm de que se pode viver sem a Igreja, a qual parece pertencer ao passado. Mas torna-se sempre mais evidente que só os valores morais e as convicções fortes dão a possibilidade, também com sacrifícios, de viver e construir o mundo. Não se pode construir um mundo mecânico como propôs Karl Marx com a teoria do capital e da propriedade, etc.

Se não existem as forças morais nos corações e não há disponibilidade para sofrer também por estes valores não se constrói um mundo melhor, ao contrário, o mundo piora de dia para dia, o egoísmo domina e destrói tudo. E vendo isto, surge de novo a pergunta: mas de onde provêm as forças que nos tornam capazes de sofrer também pelo bem, pelo bem que faz mal antes de tudo a mim, que não tem uma utilidade imediata? Onde estão os recursos, as nascentes? De onde vem a força para dar continuidade a estes valores?

Vemos que a moralidade como tal não vive, não é eficiente se não tem um fundamento mais profundo em convicções que dão realmente certeza e também força para sofrer porque, ao mesmo tempo, fazem parte de um amor, um amor que no sofrimento cresce e é substância da vida. De facto, no final, só o amor nos faz viver e o amor é sempre também sofrimento: matura no sofrimento e dá a força para sofrer pelo bem sem me ter em consideração neste meu actual momento.

Parece-me que esta consciência cresce porque já se vêem os efeitos de uma condição na qual não se encontram as forças que provêm de um amor que é substância da minha vida e que me dá a força de conduzir a luta pelo bem. Também neste aspecto, evidentemente, devemos ter paciência, ter uma paciência activa para fazer compreender às pessoas: precisais disto.

E mesmo se não se convertem imediatamente, pelo menos aproximam-se daquele grupo que, na Igreja, tem esta força interior. A Igreja conheceu sempre este grupo forte interiormente que transmite realmente a força da fé e pessoas que se afeiçoam e se deixam guiar, e desta forma participam.

Penso na parábola do Senhor sobre o grão de mostarda tão pequenino que depois se torna uma árvore frondosa na qual até os passarinhos do céu nela encontram lugar. Diria que estes passarinhos podem ser as pessoas que ainda não se convertem, mas pelo menos pousam na árvore da Igreja. Fiz esta reflexão: no tempo do iluminismo, no momento em que a fé estava dividida entre católicos e protestantes, pensou-se que seria necessário conservar os valores morais comuns dando-lhes um fundamento suficiente. Pensou-se: devemos tornar os valores morais independentes das confissões religiosas, de modo que eles resistam "etsi Deus non daretur".

Encontramo-nos hoje na situação contrária, a situação inverteu-se. Não são realçados os valores morais. Só se tornam evidentes se Deus existe. Portanto, sugeri que os leigos, os chamados leigos, reflectissem se para eles hoje não é válido o contrário: devemos viver "quasi Deus daretur", mesmo se não temos a força para crer devemos viver sobre esta hipótese, caso contrário o mundo não funciona. Parece-me que este seria um primeiro passo para se aproximarem da fé. Vejo em tantos contactos que, graças a Deus, aumenta o diálogo pelo menos com parte do laicismo.

Terceiro ponto: a situação dos sacerdotes que se tornaram poucos e devem trabalhar em três, quatro e, por vezes até em cinco paróquias e estão cansados. Penso que o Bispo, juntamente com o seu presbitério procura os meios melhores. Quando eu fui Arcebispo de Mônaco tinha criado este modelo de funções só da Palavra sem sacerdote, para manter a comunidade presente na própria igreja. E disseram: cada comunidade permanece tal, e onde não há sacerdote fazemos esta Liturgia da Palavra.

Os franceses encontraram a palavra adequada para estas Assembleias dominicais "en absence du prêtre", e depois de um certo tempo compreenderam que isto também pode não dar certo porque se perde o sentido do Sacramento, há uma protestantização e, afinal, se há só a Palavra, também eu a posso celebrar em minha casa.

Recordo quando fui professor em Tubinga, o grande exegeta Kelemann, não sei se conheceis o nome, aluno de Bultmann, que era um grande teólogo. Mesmo sendo protestante convicto, nunca foi à Igreja. Dizia: eu posso meditar em casa as Sagradas Escrituras.

Os franceses transformaram um pouco esta fórmula "Assemblée dominicale en absence du prêtre" na fórmula "Assemblée dominicale en attente du Prêtre". Isto deve ser uma expectativa do sacerdote e diria que normalmente a Liturgia da Palavra deveria ser uma exceção do domingo, porque o Senhor quer vir corporalmente. Mas esta não deve ser a solução.

Foi instituído o domingo, porque o Senhor ressuscitou e entrou na comunidade dos apóstolos para estar com eles. Desta forma compreenderam que não é o sábado o dia litúrgico, mas o domingo no qual o Senhor quer estar sempre de novo corporalmente connosco e alimentar-nos com o seu Corpo para que nós mesmos nos tornemos o seu corpo no mundo.

Encontrar o modo de oferecer a muitas pessoas de boa vontade esta possibilidade: agora não ousar dar receitas. Em Múnaco disse sempre, mas não conheço a situação aqui, que certamente é diversa, que a nossa população é incrivelmente móvel, flexível. Os jovens fazem mais de cinquenta quilómetros para ir a uma discoteca, por que não podem fazer também cinquenta quilómetros para ir a uma igreja comum? Eis que esta é uma coisa muito concreta, prática, e não ousar dar receitas. Mas deve-se procurar dar ao povo um sentimento: tenho necessidade de estar juntamente na Igreja, de estar juntamente com a Igreja viva e com o Senhor!

E assim, dar esta impressão de importância e se eu o considero importante, isto gera também as premissas para uma solução. Mas concretamente devo deixar a questão aberta, Excelência.

Sucessivamente, alguns sacerdotes tomaram a palavra. Às perguntas relativas aos temas da educação dos jovens, do papel da escola católica e da vida consagrada, o Papa Bento XVI assim respondeu:

Trata-se de interrogações muito concretas, às quais não é fácil dar respostas igualmente concretas.

Em primeiro lugar, gostaria de vos dar graças por terdes chamado a nossa atenção para a necessidade de atrair à Igreja os jovens que se sentem, ao contrário, facilmente atraídos por

outras coisas, por um estilo de vida bastante longe das nossas convicções. A Igreja antiga preferiu criar comunidades de vida alternativas, sem fracturas necessárias. Então, diria que é importante que os jovens possam descobrir a beleza da fé, que é bom dispor de uma orientação, que é bonito ter um Deus amigo, que sabe dizer-nos realmente as coisas essenciais da vida.

Além disso, este factor intelectual deve ser acompanhado por um factor afectivo e social, ou seja, por uma socialização na fé. Porque a fé só pode realizar-se se tiver também um corpo, e isto implica o homem nas suas modalidades de vida. Por isso no passado, quando a fé era determinante para a vida comum, podia ser suficiente ensinar o catecismo, que também hoje continua a ser importante.

Mas dado que a vida social se afastou da fé, nós devemos visto que também as famílias muitas vezes não oferecem uma socialização da fé oferecer modos de uma socialização da fé, a fim de que a fé forme comunidades, ofereça lugares de vida e convença, num conjunto de pensamento, de afecto e de amizade da vida.

Parece-me que estes níveis devem caminhar juntos, porque o homem tem um corpo, é um ser social. Neste sentido, por exemplo, é bom poder ver aqui que muitos párocos se encontram com grupos de jovens para transcorrer as férias em conjunto. Deste modo, os jovens compartilham a alegria das férias e vivem-na juntamente com Deus e com a Igreja, na pessoa do pároco ou do vice-pároco. Parece-me que a Igreja de hoje, também na Itália, oferece alternativas e possibilidades de uma socialização onde os jovens, em conjunto, podem caminhar com Cristo e formar a Igreja. E por isso devem ser acompanhados com respostas inteligentes do nosso tempo: ainda há necessidade de Deus? Ainda é razoável acreditar em Deus? Cristo constitui somente uma figura da história das religiões, ou é realmente o Rosto de Deus, de quem todos nós temos necessidade? Podemos viver sem conhecer Cristo?

É preciso compreender que construir a vida e o futuro implica também a paciência e o sofrimento.

A Cruz não pode faltar nem sequer na vida dos jovens, e não é fácil fazer com que isto seja compreendido. O montanhês sabe que para fazer uma bonita experiência de escalada deverá enfrentar sacrifícios e treinar, assim como o jovem deve compreender que na subida rumo ao futuro da vida é necessário o exercício de uma vida interior.

Portanto, a personalização e a socialização são as suas indicações que devem compenetrar as situações concretas dos desafios hodiernos: os desafios do afecto e da comunhão.

Efectivamente, estas duas dimensões permitem abrir-se ao futuro e também ensinar que às vezes o Deus difícil da fé é também para o meu bem no futuro.

No que diz respeito à *escola católica*, posso dizer que muitos Bispos que vieram em visita "*ad Limina*" sublinharam várias vezes a importância da mesma. A escola católica, em situações como

a africana, torna-se um instrumento indispensável para a promoção cultural, para os primeiros passos da alfabetização e para uma elevação do nível cultural em que se forma uma nova cultura. Graças a ela é possível responder também aos desafios da técnica, que se comprometem numa cultura pré-técnica destruindo antigas formas de vida tribal com o seu conteúdo moral.

No nosso contexto, a situação é diferente, mas o que me parece importante é o conjunto de uma formação intelectual, que faça compreender oportunamente que também hoje o cristianismo não está separado da realidade.

Como dissemos na primeira parte, na esteira do iluminismo e do "segundo iluminismo", de 1968, muitos pensaram que o tempo histórico da Igreja e da fé tivesse entrado numa nova época, onde estas coisas poderiam ser estudadas como a mitologia clássica. Pelo contrário, é necessário compreender que a fé tem uma actualidade permanente e um grande bom senso. Por conseguinte, uma afirmação intelectual em que se compreendem também a beleza e a estrutura da fé.

Esta era uma das intenções fundamentais do *Catecismo da Igreja Católica*, agora resumido no *Compêndio*. Não devemos pensar num conjunto de regras que carregamos nas costas como uma mochila pesada no caminho da vida. Em última análise, a fé é simples e rica: nós acreditamos que Deus existe, que Deus tem a ver com ela. Mas de que Deus se trata? De um Deus com um Rosto, um Rosto humano, de um Deus que reconcilia, que vence o ódio e dá a força da paz que ninguém pode oferecer. É necessário fazer compreender que na realidade o cristianismo é muito simples e, portanto, muito rico.

A escola é uma instituição cultural, de formação intelectual e profissional: por conseguinte, é preciso fazer compreender a organicidade e a lógica da fé, e assim conhecer os grandes elementos essenciais, entender o que é a Eucaristia, o que acontece no Domingo, no matrimónio cristão. Naturalmente, há que fazer compreender, todavia, que a disciplina da religião não é uma ideologia puramente intelectual e individualista, como talvez aconteça noutras matérias: na matemática, por exemplo, sei como fazer um determinado cálculo. Mas também outras disciplinas, em última análise, têm uma tendência prática, uma tendência à profissionalidade e à aplicação na vida. Assim, é preciso compreender que a fé, essencialmente, cria uma assembleia e une.

É precisamente esta essência da fé que nos liberta do isolamento do ego e nos une numa grande comunidade, uma comunidade muito completa na paróquia, na assembleia dominical e universal, em que eu me torno um parente de todos no mundo.

Há que compreender esta dimensão católica da comunidade, que se reúne todos os domingos na paróquia. Portanto se, por um lado, conhecer a fé é uma finalidade, por outro, socializar na Igreja

ou "tornar-se eclesial" significa introduzir-se na grande comunidade da Igreja, lugar de vida, onde sei que nos momentos importantes da minha vida sobretudo no sofrimento e na morte não estou sozinho.

Sua Excelência disse que muitas pessoas não parecem ter necessidade de nós, mas os doentes e os indivíduos que sofrem, sim. E isto dever-se-ia compreender desde o início, que nunca mais estarei sozinho na vida. A fé resgata-me da solidão. Serei sempre acompanhado por uma comunidade, mas ao mesmo tempo também eu devo ser portador da comunidade e ensinar desde o começo inclusive a responsabilidade para com os doentes, as pessoas isoladas e as que sofrem, e assim é retribuído o dom que eu ofereço. Por conseguinte, é necessário despertar no homem, em quem se esconde esta disponibilidade ao amor e ao dom de si, esta grande dádiva e assim dar a garantia de que também eu terei irmãos e irmãs que me sustentam nestas situações de dificuldade, quando tenho necessidade de uma comunidade que não me abandone.

No que se refere à importância da vida religiosa, nós sabemos que a vida monástica e contemplativa exerce atracção diante da pressão deste mundo, manifestando-se assim como um oásis onde realmente viver. Trata-se, também aqui, de uma visão romântica: por isso, é necessário o discernimento das vocações. Todavia, a situação histórica confere uma certa atracção pela vida contemplativa, mas não em igual medida pela vida religiosa activa.

Isto observa-se melhor no ramo masculino, onde se vêem religiosos, mesmo sacerdotes, que desempenham um importante apostolado na educação, junto dos doentes, etc. Vê-se menos, infelizmente, no caso das vocações femininas, onde a profissionalidade parece tornar supérflua a vocação religiosa. Há enfermeiras formadas, existem professoras de escola diplomadas, e portanto isto já não se parece como uma vocação religiosa, e será difícil recomeçar tais actividades, se a cadeia das vocações for interrompida.

Todavia, vemos cada vez mais que para ser uma boa enfermeira não é suficiente a profissionalidade. É necessário o coração. É preciso o amor pela pessoa que sofre. Isto tem uma profunda dimensão religiosa. Assim, também no campo do ensino. Agora dispomos de novas formas, como os institutos seculares, cujas comunidades demonstram com a sua vida que para a pessoa existe um modo bom de viver, mas sobretudo necessário para a comunidade, para a fé e para a colectividade humana. Portanto, penso que mesmo que as formas mudem uma boa parte das nossas comunidades activas femininas teve origem no século XIX, com o desafio social específico daquele período, e hoje os desafios são um pouco diferentes a Igreja faz compreender que servir as pessoas que sofrem e salvaguardar a vida são vocações que têm uma profunda dimensão religiosa e que existem diversificadas formas para viver tais vocações. Desenvolvem-se novos modos, a ponto de se poder esperar que também hoje o Senhor há-de conceder vocações necessárias para a vida da Igreja e do mundo.

À intervenção do capelão, no Centro Penitenciário local, onde vivem 260 pessoas de mais de 30

nacionalidades, Bento XVI respondeu com as seguintes palavras:

Obrigado pelas suas palavras muito importantes e também muito comovedoras. Pouco antes da minha partida, tive a oportunidade de falar com o Cardeal Martino, Presidente do Pontifício Conselho "Justiça e Paz", que está a elaborar um documento sobre o problema dos nossos irmãos e das nossas irmãs presos que sofrem, que por vezes se sentem pouco respeitados nos seus direitos humanos e até desprezados, e vivem numa situação em que há realmente necessidade da presença de Cristo. E Jesus, no cap. 25 do Evangelho de Mateus, na antecipação do juízo final, fala explicitamente desta situação: *Eu estava na prisão e não me visitaste; Eu estava no cárcere e visitaste-me.*

Portanto, estou-lhe grato por me ter falado destas ameaças contra a dignidade humana em tais circunstâncias, para aprender que também como sacerdotes devemos ser irmãos destes "mínimos"; é de extrema importância ver também neles o Senhor que nos espera. Juntamente com o Cardeal Martino, tenho a intenção de dizer uma palavra, mesmo pública, sobre estas situações particulares, que constituem um mandato para a Igreja, para a fé e para o seu amor. Por fim, estou-lhe grato por me ter dito que não é tão importante o que fazemos, mas é importante o que somos no nosso compromisso sacerdotal. Sem dúvida, devemos fazer tantas coisas, sem ceder à indolência, mas todo o nosso empenhamento só dará fruto se for expressão daquilo que somos.

Se nas nossas acções se manifestar o nosso estar profundamente unidos a Cristo: o nosso ser instrumentos de Cristo, boca pela qual Cristo fala e mão através da qual Cristo age. O ser convence, e o fazer só convence se for realmente fruto e expressão do ser.

A questão da comunhão aos fiéis divorciados e novamente casados.

Todos nós sabemos que este é um problema particularmente doloroso para as pessoas que vivem em situações em que são excluídas da comunhão eucarística e, naturalmente, também para os sacerdotes que desejam ajudar estas pessoas a amar a Igreja, a amar Cristo. Isto levanta um problema.

Ninguém de nós dispõe de uma receita já feita, também porque as situações são sempre diversificadas. Diria que é particularmente dolorosa a situação de quantos tinham casado na Igreja, mas não eram verdadeiramente crentes e só o fizeram por tradição, e depois, contraindo um novo matrimónio não válido, converteram-se, encontraram a fé e agora sentem-se excluídos do Sacramento. Este é realmente um grande sofrimento e quando fui Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé convidei várias Conferências Episcopais e especialistas a estudarem este problema: um sacramento celebrado sem fé. Se realmente é possível encontrar nisto uma instância de invalidade, porque ao sacramento faltava uma dimensão fundamental, não ousei dizer. Eu pessoalmente pensava assim, mas dos debates que tivemos compreendi que o

problema é muito difícil e ainda deve ser aprofundado. Mas considerando a situação de sofrimento destas pessoas, deve ser aprofundado.

Não ousou dar agora uma resposta, mas em todo o caso parecem-me muito importantes dois aspectos. O primeiro: mesmo que não possam receber a comunhão sacramental, tais pessoas não são excluídas do amor da Igreja e do amor de Cristo. Uma Eucaristia sem a comunhão sacramental imediata não é certamente completa, pois falta algo essencial. Todavia, é também verdade que participar na Eucaristia sem a comunhão eucarística não é igual a nada, é sempre um estar envolvido no mistério da Cruz e da ressurreição de Cristo. É sempre uma participação no grande Sacramento, na dimensão espiritual e pneumática; e também na dimensão eclesial, se não estreitamente sacramental.

E dado que é o Sacramento da Paixão de Cristo, Cristo sofredor abraça de modo particular estas pessoas e comunica-se com elas de outra forma, e portanto elas podem sentir-se abraçadas pelo Senhor crucificado que cai por terra e sofre por elas e com elas. Por conseguinte, é necessário fazer compreender que mesmo que, infelizmente, falte uma dimensão fundamental, todavia tais pessoas não devem ser excluídas do grande mistério da Eucaristia, do amor de Cristo aqui presente. Isto parece-me importante, como é importante que o pároco e a comunidade paroquial levem tais pessoas a sentir que, por um lado, devemos respeitar a indissolubilidade do Sacramento e, por outro, amamos as pessoas que sofrem também por nós. E devemos também sofrer juntamente com elas, porque dão um testemunho importante, a fim de que saibam que no momento em que se cede por amor, se comete injustiça ao próprio Sacramento, e a indissolubilidade parece cada vez menos verdadeira.

Conhecemos o problema não apenas das Comunidades protestantes, mas também das Igrejas ortodoxas, que muitas vezes são apresentadas como modelo em que os fiéis têm a possibilidade de voltar a casar. Mas somente o primeiro matrimónio é sacramental: também eles reconhecem que os outros não constituem um Sacramento, mas são matrimónios de forma reduzida, redimensionada, numa situação penitencial; e de certo modo tais pessoas podem receber a comunhão, mas conscientes de que isto lhes é concedido "em economia" como dizem por uma misericórdia que todavia não impede que o seu matrimónio não seja um Sacramento. Outro ponto nas Igrejas Orientais é que para estes matrimónios foi concedida a possibilidade de divórcio com grande facilidade, e que portanto o princípio da indissolubilidade, verdadeira sacramentalidade do matrimónio, fica gravemente ferido.

Portanto, por um lado há o bem da comunidade e o bem do Sacramento que devemos respeitar, e por outro há o sofrimento das pessoas que devemos ajudar.

O segundo ponto que devemos ensinar e tornar credível, também para a nossa própria vida, é o facto de que o sofrimento, de diversas formas, faz necessariamente parte da nossa vida. E diria que se trata de um sofrimento nobre. É necessário, novamente, fazer compreender que o prazer

não é tudo. Que o cristianismo nos dá alegria, como o amor dá alegria. Mas o amor é também sempre uma renúncia a si mesmo. O próprio Senhor nos ofereceu a fórmula do que é o amor: quem se perder a si mesmo, encontrar-se-á; quem ganhar e se conservar a si mesmo, perder-se-á.

É sempre um Êxodo e, portanto, também um sofrimento. A verdadeira alegria é algo distinto do prazer; a alegria aumenta e amadurece sempre no sofrimento, em comunhão com a Cruz de Cristo. Somente aqui nasce a verdadeira alegria da fé, da qual também tais pessoas não são excluídas, se aprenderem a aceitar o seu sofrimento em comunhão com o de Cristo.

A administração do Sacramento do Baptismo em situações particulares e sobre o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica:

A primeira questão é muito difícil e já tive a oportunidade de me ocupar disto quando era Arcebispo de Munique, porque se verificaram casos análogos.

Em primeiro lugar há que esclarecer cada um dos casos: se o obstáculo contra o Baptismo é tal, que não se possa concedê-lo sem o desperdício do Sacramento, ou se a situação permite dizer, mesmo num contexto problemático, que tal homem se converteu verdadeiramente, tem toda a fé, quer viver a fé da Igreja e deseja ser baptizado. Na minha opinião, apresentar agora uma fórmula geral não corresponderia à diversidade das situações concretas: naturalmente, procuramos fazer todo o possível para dar o Baptismo a uma pessoa que o pede com fé íntegra, mas dizemos que os pormenores devem ser estudados em cada um dos casos.

Se uma pessoa se demonstra realmente convertida e quer aceder ao Baptismo, deixar-se inserir na comunhão de Cristo e da Igreja, o desejo da Igreja deve consistir em secundá-la. Se não existirem obstáculos que realmente tornem contraditório o Baptismo, a Igreja deveria permanecer aberta. Por conseguinte, procurar a possibilidade e, se a pessoa está verdadeiramente convencida e acredita de todo o coração, não nos encontramos no relativismo.

Segundo ponto: todos nós sabemos que na situação cultural e intelectual, de que falámos inicialmente, a catequese tornou-se muito difícil. Por um lado, são necessários novos contextos para ela ser compreendida e contextualizada, a fim de que se possa ver que isto é verdadeiro e diz respeito ao presente e ao futuro e, por outro, portanto, uma contextualização necessária foi levada a cabo nos Catecismos das diversas Conferências Episcopais.

Mas por outro lado são necessárias respostas claras, para que se possa ver que esta é a fé e as outras são contextualizações, um modo simples de fazer compreender. Assim surgiu um "embate" no interior do mundo catequético, entre o catecismo no sentido clássico e os novos instrumentos de catequese. Por um lado, é verdade agora falo somente da experiência alemã que muitos destes livros não alcançaram a sua meta: de qualquer modo, prepararam o terreno, mas

estavam tão ocupados com a preparação do terreno, com a vereda ao longo da qual a pessoa se deve encaminhar, que no final não chegaram à resposta que deviam dar. Por outro lado, os catecismos clássicos pareciam tão fechados em si, que a resposta autêntica já não tocava a mente do catecúmeno de hoje.

No final, assumimos este compromisso pluridimensional: elaborámos o *Catecismo da Igreja Católica* que, por um lado, oferece as necessárias contextualizações culturais, mas apresenta também respostas específicas. Redigimo-lo na consciência de que depois, deste Catecismo à catequese concreta, ainda há um caminho não fácil a percorrer. Mas também compreendemos que as situações, tanto linguísticas como culturais e sociais, são tão diferentes nos vários países e também nas várias camadas sociais dos próprios países, que nisto compete ao Bispo ou à Conferência Episcopal e ao próprio catequista fazer seu este último caminho; por isso, a nossa posição foi a seguinte: este é o ponto de referência para todos, é aqui que se vê como a Igreja acredita. Em seguida, as Conferências Episcopais devem criar os instrumentos que se aplicam à situação cultural e percorrer o caminho que ainda falta. Enfim, o próprio catequista deve dar os últimos passos, também para os quais se oferecem talvez os instrumentos adequados.

Depois de alguns anos, tivemos uma reunião em que os catequistas do mundo inteiro nos disseram que o Catecismo funcionava bem, que era um livro necessário, que ajuda manifestando a beleza, a organicidade e a integridade da fé, mas que tinham necessidade de uma síntese. Depois de ter tomado conhecimento do voto dessa reunião, o Santo Padre João Paulo II encarregou uma Comissão de realizar este Compêndio, ou seja, um resumo do Catecismo grande, ao qual se referisse, daí extraíndo o essencial. Inicialmente, na redacção do Compêndio queríamos ser ainda mais breves, mas no final compreendemos que para dizer realmente o essencial, na nossa época, o material necessário que servia para cada catequista era quanto dissemos. Acrescentámos também algumas orações. E julgo que se trata de um livro realmente muito útil, onde se encontra um "resumo" daquilo que está contido no Catecismo grande e, neste sentido, parece-me que actualmente pode corresponder ao Catecismo de Pio X.

Há ainda o compromisso por parte de cada um dos Bispos e das Conferências Episcopais, de ajudar os sacerdotes e os todos os catequistas no trabalho com este livro e de servir de ponte para um determinado grupo, porque o modo de falar, de pensar e de compreender é muito diferente, não só entre a Itália, a França, a Alemanha e a África, mas também no interior de um país é compreendido de maneira muito diferente. Portanto, o Catecismo da Igreja Católica e o Compêndio, com a substância do Catecismo, permanecem como instrumentos para a Igreja universal.

Além disso, temos sempre necessidade do trabalho dos Bispos que, em contacto com os sacerdotes e os catequistas, ajudam a encontrar todos os instrumentos necessários para poder trabalhar bem nesta sementeira da Palavra.

Gostaria de agradecer estas vossas interrogações, que me ajudam a reflectir sobre o futuro, e sobretudo esta experiência de comunhão com um grande presbitério, de uma bonita diocese. Obrigado!

© Copyright 2005 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana